

ARTHUR RAMOS: INTELECTUAL EM PERSPECTIVA

Adir da Luz Almeida*

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: adirluz@gmail.com

Recibido: 10 noviembre 2014 / Revisado: 9 febrero 2015 / Aceptado: 14 abril 2015 / Publicado: 15 febrero 2016

Resumo: O trabalho constitui-se em resultado de pesquisa sobre o intelectual Arthur Ramos, suas reflexões teóricas e os efeitos no campo social e educativo. Arthur Ramos, intelectual complexo, multifacetado, refletiu sobre várias temáticas, pensando o Brasil como “nação” moderna, como outros intelectuais na passagem do século XIX para o século XX. Através redes de sociabilidade das quais participou e dos cargos públicos que ocupou, incluindo a chefia do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais, na administração de Anísio Teixeira como Diretor de Instrução Pública, Rio de Janeiro, na década de 1930. Implanta o Serviço que tem como base a proximidade entre família, escola e comunidade, tendo como perspectiva alcançar as famílias e população pela escola. O foco é a discussão conceitual de “higiene” e “miscigenação”, com atenção ao intelectual nesse debate, suas concepções, inflexões e contradições. São utilizadas como fontes algumas obras produzidas por Ramos, e arquivos sobre o SHOM, sob guarda da Biblioteca Nacional.

Palavras chave: intelectual, educação, historiografia, antropologia

Abstract: The work is the result of research on the intellectual Arthur Ramos, their theoretical reflections and the effects on social and educational field. Arthur Ramos, complex, multifaceted intellectual, reflected on several themes, thinking the Brazil as modern "nation", like other intellectuals in the passage from the XIX century to the XX century. Through social networks of which participated and the public office he held, including the leadership of the

Ortofrenia Service and Mental Hygiene, of the Educational Research Institute, administration of Anísio Teixeira, as Director of Public Instruction, Rio de Janeiro, in the decade of 1930. Deploys the service that is based on the close the proximity between family, school and community, with the prospect to reach the families and the school population. The focus is the conceptual discussion of "hygiene" and "miscegenation", with attention to this debate, its intellectual conceptions, inflections and contradictions. Are used as sources some of the major works produced by Ramos, so files about the SHOM, under administration National Library.

Keywords: intellectual, education, history, anthropology

1. INTRODUÇÃO

“Do meu arquivo inútil...”
Arthur Ramos

O Arquivo Nacional em articulação com a Biblioteca Nacional¹ organizou exposição sobre o médico-antropólogo Arthur Ramos² com o título da epígrafe acima. O título veio do próprio homenageado que assim nomeia sua documentação pessoal.

¹ A Biblioteca Nacional é depositária de grande parte do Acervo de Arthur Pereira Ramos de Araújo, vendido à instituição por sua mulher Luisa Gallet e organizado, nos anos de 1990, sob a supervisão da Profa. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Médico alagoano, discípulo de Nina Rodrigues fica mais conhecido como Antropólogo e Etnólogo, ten-

Podemos entender a motivação dessa frase como um mero momento de desânimo existencial do intelectual? No primeiro momento podemos dizer que sim, mas o que nos interessa analisar é a produção de uma representação de si, pois escrever é:

“mostrar-se!, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo diz”³

Personagem complexa, nos escritos de Arthur Ramos é comum encontrarmos a frase “essa não é a obra que queria ter escrito”. Encontramos esta observação na Introdução de sua Tese de Doutorado intitulada “Primitivo e Loucura”, defendida em 1926 na poderosa Faculdade de Medicina da Bahia⁴.

Se, como nos diz Foucault, escrever é mostrar-se, um face a face com o outro, podemos perceber esse “mostra-se” de Arthur Ramos na carta escrita pelo intelectual, em 22 de outubro de 1949, à sua assistente Marina São Paulo de Vasconcelos, onde, de certa maneira, prenuncia a possibilidade de uma obra não acabada. Nesse caso o Projeto para o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, onde ocupava o cargo de 1º Diretor há pouco tempo.

“Estou aqui sacrificando minha saúde, e de Luiza, num trabalho exaustivo, procurando elevar o nome do nosso país, e nossa Universidade não me favorece as condições de tranqüilidade indispensáveis. Estou come-

do criado a Associação de Antropologia e Etnologia, em 1941, no Rio de Janeiro. É também homenageado, até hoje, como um membro “fundador” da Psicologia Social, no Brasil.

³ Foucault, Michel. *O que é o autor?* Portugal: Ed. Vega Passagens, 1992, p.150

⁴ A importância da Universidade da Bahia na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX, como centro aglutinador, formador, e de disputa com os Museus e IHGB, foi trabalhada por Schwartz, Lilia Moritz no livro “*O Espetáculo das Raças – Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)*”, Companhia das Letras, 2008.

çando a ficar preocupado com esta demora de uma solução legal, de modo que estou resolvido a voltar. Por mais que o trabalho seja interessante e por maiores que fossem os benefícios com o desenvolvimento de estudos, em abril, se meu programa for aprovado em Florença, nada compensará o desgaste de esforço físico e mental acrescido deste background que me preparam aí. Eu posso demitir-me a qualquer tempo mesmo depois do período probation, mesmo arcando com as despesas decorrentes de meu ato, mas a cátedra e nossos trabalhos aí, em primeiro lugar. Desculpe esse desabafo, mas não precisa... (ilegível). Se minha licença obrigatória não for dada, eu voltarei imediatamente. Peço-lhe, por isso, mande-me urgentemente, as informações solicitadas. Teria muita coisa para lhe falar dos trabalhos aqui, mas isto é outra história que terá... (ilegível) ou não. O frio já começa e minha pressão está subindo, mas prefiro que a caldeira arrebente no Brasil”⁵

Seus combates pessoais terminam nove dias após a carta escrita à sua assistente. Ao morrer em Paris, Arthur Ramos tinha 46 anos, deixando o arcabouço político-teórico do funcionamento renovado do Departamento da UNESCO que então chefiava.

A representação⁶ de si, desejada que os “outros” dele tenham, confronta-se com aquela que os “outros” têm do intelectual. Arthur Ramos não está, como ninguém, livre do confronto entre a própria representação de si com a que dele tem o “outro”. Geralmente desse confronto resulta uma representação até certo ponto “desfocada”. Representação ou representações? Preferimos trabalhar com o conceito de representações, por, na nossa concepção, ser impossível ter somente uma chave conceitual que unifique as ferramentas⁷ conceituais com as quais trabalhamos.

⁵ Ramos, Arthur apud Barros. Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais do seu tempo*. Alagoas: Maceió. UFA, 2005:p. 176/177

⁶ O conceito de representação toma como base as análises de Roger Chartier e Robert Darton.

⁷ Utilizamos “ferramentas” no sentido foucaultiano do termo.

Trazemos como exemplos para o leitor com o qual o autor desse trabalho compartilha suas reflexões de pesquisa sobre a intervenção educacional do intelectual entrelaçando-a com sua trajetória, duas apresentações de Arthur Ramos, a partir de pessoas que o conheceram de maneira próxima.

Josué de Castro assim o representa ainda na juventude, como seu contemporâneo no curso de Medicina na Bahia, ao rememorar a influência intelectual exercida por Arthur Ramos.

“Mas devo honestamente confessar que maior influência do que os professores tiveram em minha formação o convívio com alguns colegas de talento. Na Bahia influíram muito no rumo dos meus estudos e indagações a presença na mesma pensão de dois colegas com os quais muito me liguei: Arthur Ramos e Teotônio Brandão. Teotônio com mais intimidade, Ramos com uma certa distância e reserva diante de sua maior maturidade intelectual, do seu prestígio de veterano com três anos de curso a frente⁸”

Após sua morte, na 4ª reedição de seu livro “A Criança Problema”, resultado dos anos que esteve chefiando o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental durante a administração de Anísio Teixeira no Distrito Federal – anos 1930 -, pela Editora Casa do Estudante do Brasil, sob a Presidência de Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, encontramos na contracapa a seguinte descrição do intelectual.

“Arthur Ramos de Araújo Pereira nasceu em Pilar, Alagoas, em 7 de julho de 2009.

Fez os estudos primários na cidade natal e o curso secundário em Maceió. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1921, tendo concluído o curso em 1926, quando defendeu a tese de doutorado, *Primitivo e Loucura*, e foi aprovado com distinção. No ano seguinte, foi laureado com o Prêmio Alfredo Brito, na Faculdade que cursará. A sua bibliografia geral é constituída de 467 trabalhos originais publicados em crônicas, artigos, ensaios e livros. Entre cursos, conferências, discursos, comunicações que

realizou, teses que defendeu, seminários e mesas redondas, contam-se 96. Exerceu, entre outros cargos, o de catedrático de Antropologia e Etnologia da Universidade do Brasil, Chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, Professor de Psicologia Social da UDF, Chefe do Serviço de Higiene Mental do Departamento de Educação do Rio de Janeiro.

Enumerar as opiniões a respeito de sua personalidade invulgar e de seus estudos eruditos e pioneiros emitidos por representantes máximos da cultura universal seria escrever cerca de 100 (cem) páginas, o que equivale a dizer: foi um sábio, cuja memória deve orgulhar todos os brasileiros, em geral, e os homens de cultura, em particular, no mundo inteiro⁹”.

Perguntamos: quem foi Arthur Ramos? Quais foram às motivações para seu “esquecimento” na cena intelectual do país?

O fio condutor da pesquisa, contido nas perguntas acima formuladas, nos fez optar, como sustentação teórico-metodológica, pela chamada micro-história italiana¹⁰, na possibilidade de trabalhar com diferentes escalas de observação, com indícios e pistas, com o movimento que não trata o campo macro-político e micro-político como opostos binários. Aproximamos, também, da História Social e Cultural, com destaque para as contribuições da Escola dos Anales que, teoricamente, trazem a ampliação dos objetos de estudos, o diálogo com outras áreas do conhecimento, o manuseio e utilização das fontes.

Peter Burke, em “Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro”, nos ajuda a dialogar com a construção do campo da Nova História, ampliando o leque dessa construção e remetendo não só ao movimento de intelectuais americanos, mas recuando e afirmando que a argumentação recente de

⁸ Castro apud Barros. Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais do seu tempo*. Alagoas: Maceió. UFA, 2005, p.25

⁹ Ramos, Arthur. *A Criança Problema. A Higiene Mental na Escola Primária*. RJ: Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 4ª edição, 1955.

¹⁰ Lima, Henrique Espada, analisa a micro-história italiana e seus mais renomados intelectuais no livro “*A micro-história italiana, escalas, indícios e singularidades*”, Ed. Civilização Brasileira, 2006.

“substituição de uma história antiga por uma nova (mais objetiva e menos literária) é um tema recorrente na história da escrita da história. Tais afirmações foram feitas por Ranke no século XIX, pelo grande estudioso beneditino Jean Mabillon, que formulou novos métodos de escrita da fonte no século XVII, e pelo historiador grego Políbio, que denunciou seus companheiros como meros retóricos, cento e cinquenta anos antes do nascimento de Cristo. No primeiro caso, pelo menos, a reivindicação da novidade foi consciente. Em 1867, o grande historiador holandês Robertt Fruin publicou um ensaio chamado ‘A Nova Historiografia’, uma defesa da história científica, rankeana”¹¹.

Retomando as indagações feitas sobre o médico-antropólogo Arthur Ramos, no mesmo movimento de ressaltarmos o poder instigador que exercem sobre nós como pesquisadores, também, tornamos claro nossa concepção das reais impossibilidades, tanto nos limites desse artigo ou em qualquer trabalho de maior fôlego, de termos a pretensão de respondê-las completamente. Como nos diz a poeta “sou uma estranha até para mim mesma”¹². Que diremos para um “outro” que, através de pesquisa historiográfica, busca conhecer esse “estranho”? Vislumbrá-lo talvez seja a melhor definição para essa tarefa.

O Arthur nascido em Pilar, nas Alagoas, morreu em Paris, como 1º Diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, com a idade de 46 anos. Uma morte anunciada? Podemos, de novo, simplesmente inferir, ou nos deixar levar por uma não superada ilusão do historiador de tratar como certas suas análises de um passado que seu ofício presentifica: vida, morte, tradições, mitos, rituais, mudanças.

Nesse movimento o historiador trabalha com tempo do que foi, o tempo do que é, o tempo do devir. Tais dimensões do tempo não podem ser tratadas como abstração, nem de maneira estanque, pois o homem é o centro da história e esta é mudança. Mudança operada pelos

homens no plano individual e coletivo, e assim as dimensões são produzidas em espaços sociais, em processos permanentemente intercambiantes.

Baêta Neves¹³ (1979, p. 117) inquiri o pesquisador a refletir sobre as relações imbricadas da teoria com o método escolhido e a necessidade de nos livrarmos de determinantes que situem a nossa formulação crítica no território da condição privilegiada, centrada, opressora, classista e elitista.

O presente trabalho ao trazer para este Seminário parte das reflexões sobre pesquisas as quais nos temos dedicado no campo da História da Educação e Historiografia, busca contribuir no entrelace entre Antropologia e Educação.

Essa articulação/interlocução necessária com outras áreas do conhecimento na história da História Social e Cultural, assim como na Micro-História italiana, se constitui em um movimento que a Antropologia também busca fazer desde o fim do século XIX e início do século XX. Movimento que Mariza Corrêa¹⁴ define como criação e recriação de tradições das gerações de antropólogos, apontando o *início mítico do que hoje chamamos de Antropologia*, trazendo as influências de antropólogos de outros países para o nascimento da tradição antropológica no Brasil, com seus heróis fundadores. Dentre eles a autora destaca Raimundo Nina Rodrigues e os estudos sobre negros, sinalizando:

“desse cruzamento entre nativos que se interessavam pelo estudo de “estrangeiros” (os “ colonos negros” como os chamava o médico maranhense) e estrangeiros que se interessavam pelos nativos, nasce a tradição antropológica no Brasil”¹⁵

¹¹ Burte, Peter. Abertura: *a nova história, seu passado e seu futuro*. In: Burke. *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: ed. UNESP, 1992, p.18.

¹² Frase de Clarice Lispector.

¹³ Baeta Neves, Felipe Luiz. *O paradoxo do coringa e o jogo do poder e saber*, Ed. Achiamé, 1979, p.117.

¹⁴ Mariza Corrêa em “Traficantes do Excêntrico – os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60”. Texto disponível da Internet que, como esclarece a autora, faz parte de um trabalho de pesquisa em andamento sobre a História da Antropologia no Brasil. www.marizacorrea.unicap.br

¹⁵ Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1982, Mimeo, p. 1

Vislumbrar o “outro”. Por que se entregar a esta tarefa? Para que as vidas, trabalhos, reflexões, embates vividos por homens e mulheres não fiquem “esquecidas” no meio de brumas. Para compartilhar o nosso vislumbre. O Arthur Ramos aqui apresentado é resultado da maneira como para nós ele se apresentou e de como o apreendemos. Outras apreensões e outras conclusões sobre o intelectual e suas intervenções no campo intelectual são possíveis. Para isso deve servir o bom debate acadêmico.

2. O ANTROPÓLOGO ESQUECIDO

“A memória e o esquecimento são ambos inventivos”

Jorge Luiz Borges

Pesquisas em torno da figura intelectual e pública de Arthur Ramos, nos últimos anos, vêm cumprindo o papel de retirá-lo das sombras do esquecimento que foi colocado, não só pela não reedição de sua obra há décadas, como pelo silêncio que sobre ele se fez.

Sua vinda para o Rio de Janeiro se dá em um período de ebulção de idéias, encontro de intelectuais, projetos político-sociais, embalados pelas possibilidades, vislumbradas pela Revolução de 1930, de finalmente alavancar o Brasil para um destino de modernidade e democracia. Afrânio Peixoto com quem tinha profundas relações desde que se conheceram na Bahia funciona como personagem importante na rede de sociabilidade intergeracional na qual Arthur Ramos se insere: o mundo intelectual da capital do país, nos anos de 1930.

Tornando-se próximo de Anísio Teixeira, é indicado para chefiar o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais – dirigido por Antonio Carneiro Leão - da Diretoria de Instrução Pública, dirigida por Anísio Teixeira. Arthur Ramos foi o único chefe desse Serviço que é modificado, incluindo o nome, com a consolidação do Estado Novo de Vargas. Como chefe do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental – o primeiro Serviço dessa natureza de ação desenvolvido dentro de escolas públicas - se debruça sobre seu segundo tema de interesse: a criança, as famílias, a escola. Seu o primeiro tema de interesse é o negro brasileiro, sobre o qual tem uma vasta obra.

Arthur foi um homem/intelectual que viveu os momentos históricos do entre guerras. Como menino/adolescente, ainda em Pilar, a 1ª Grande Guerra Mundial; como adulto envolvido no mundo político-intelectual da Cidade do Rio de Janeiro, a 2ª Grande Guerra. Como as notícias da 1ª Guerra chegaram ao menino/adolescente, ainda no sertão nordestino, não somos sabedores, porém foto de época encontrada no site da Fundação Arthur Ramos, em Pilar, nos permite considerar que o jovem Arthur Ramos, pertencente aos estratos mais abastados da cidade de Pilar e, como mais tarde será reafirmado, possuidor de formação que beirava a erudição, nos permite afirmar como impossível que estivesse distante dos acontecimentos que abalavam o mundo.

Até chegar à UNESCO, Ramos correu rapidamente uma trajetória intelectual e política. Curvou a Faculdade de Medicina na Bahia, defendendo a tese “Primitivo e Loucura”. Foi ligado a vários intelectuais nordestinos, seja como estudioso da obra intelectual, como é o caso de Nina Rodrigues, ou como influenciador de maneiras de pensar, como nos relata Josué de Castro. Da Bahia vem, como muitos intelectuais nordestinos, para o Rio de Janeiro – capital do país na época – envolvendo-se no esforço esperançoso de então – que unia os personagens em suas diferenças teóricas e concepções de intervenção pública – de “conduzir” a cidade maravilhosa nos caminhos do progresso e a partir dela “conduzir” o país ao “destino” esperado: a modernidade.

Mariza Correa, autora de um dos melhores estudos sobre a atuação de Nina Rodrigues na constituição do campo antropológico no Brasil, diz que Arthur Ramos se auto-intitulou discípulo de Nina Rodrigues. Todavia, nos parece que se o antropólogo tratava a obra de Nina Rodrigues com a importância que julgava merecer, é a Afrânio Peixoto que durante toda a vida se dirige como “mestre”. Ramos, em conjunto com Afrânio Peixoto – este sim discípulo de Nina Rodrigues –, empreende a tarefa de fazer retornar ao debate científico as contribuições de Nina Rodrigues, devido a particularidades importantes do autor nos estudos sobre os negros e suas tradições religiosas.

Na Introdução de sua obra “A Antropologia Brasileira” Ramos situa Nina Rodrigues como mar-

co basilar de estudos que buscaram dar à Antropologia caráter de ciência. Constrói uma periodização de três fases: 1ª) pré-Nina; 2ª) fase Nina; 3ª) fase pós Nina Rodrigues.

Em relação à chamada terceira fase trago as palavras de Arthur Ramos, pois já percebemos aí não só seu lugar de “discípulo”, como sua forte relação com Afrânio Peixoto, a quem chamava de mestre e que é personagem decisiva de sua vinda para o Distrito Federal – Cidade do Rio de Janeiro.

“A 3ª fase, a fase post - Nina Rodrigues, estende-se por todo o período que se segue à sua morte, em 1906. No início foi o silêncio, uma longa conspiração que tentou sepultar a sua obra. Apenas uma débil voz, a de Manoel Querino, trouxe uma contribuição digna de apreço, contribuição que me competiu também à honra de divulgar. Depois... e só muito recentemente, rompeu-se o véu da magia. A história é de nossos dias, para ser contada em todos os detalhes. As suas etapas principais aí estão: o reinício das pesquisas sobre os africanismos sobreviventes na Bahia, e a publicação de nossos primeiros trabalhos (de 1926 em diante): a reedição de “Os Africanos no Brasil” e de outras obras suas por nossa iniciativa e de Afrânio Peixoto [...]”¹⁶.

Ao trazer a experiência e ação da geração dos médicos-antrólogos e, também, educadores, destacando Arthur Ramos na formação da “antropologia educacional brasileira”, nos dois quartéis iniciais do Brasil Republicano, ressaltamos o que consideramos da maior importância na tessitura dos processos de pesquisa, a urdidura de um projeto antropológico educacional que tinha como ponto de chegada produzir uma interpretação positiva dos trópicos e de seus habitantes.

A antropologia educacional representada por Arthur Ramos mobilizou-se contra a convicção da inferioridade da raça, contra as tipologias de base morfológicas construídas pela medicina

¹⁶ Ramos, Arthur. *Introdução à Antropologia Brasileira*. RJ: Editora Casa do Estudante do Brasil, 1ª volume, 2ª edição, 1951, p. 10/11

antropológica de então, para fundar, ele mesmo, uma antropologia física-cultural que coloca no centro de sua problemática as questões referentes ao caldeamento de índios com negros, brancos e negros, negros e índios, e por aí vai. Buscou produzir um retrato emoldurado da nacionalidade a partir das premissas de negação da instabilidade moral e da desarmonia das índoles, colocando-se contra os estigmas que atravessam a inferioridade racial.

Projeto que se por um lado se pretendia unificador, por outro não consideramos como unificado e sim com muitas nuances, mas que encontra sua base de convergência nas idéias e ações que apontavam para processos de mudança e modernização cultural da sociedade e democratização do Estado brasileiro.

Nesta perspectiva, a ação de Arthur Ramos se debruça de certa forma, tanto sobre a profecia euclidiana do “progredir ou desaparecer”, como nas reflexões de Gilberto Freyre sobre as relações híbridas¹⁷ estabelecidas entre a Casa Grande e a Senzala, procurando construir um mapa social-educacional da gênese das questões brasileiras relacionadas à precariedade das condições de vida dos brasileiros e às imensas dificuldades de acesso à escola e a escolarização.

Esta cartografia antropológica dos tipos humanos do Brasil foi sendo tecida através das pesquisas de campo desenvolvidas a partir das experiências com os estudos etnológicos e etnográficos dos índios, dos negros e dos mestiços do Brasil. Considerando o trabalho de campo como uma metodologia cara ao campo antropológico, articulamos com o conceito de cartografia para além da referência clássica de mapas geográficos, mas agregando a este os diversos sentidos que vêm encharcando-o apontando para os entrecruzamentos de discursos, modos de viver, modos de sentir.

¹⁷ Para melhor adentrarmos nos meandros das obras de Gilberto Freyre, particularmente *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*, tendo como eixo o conceito de híbrido (hybris) recomendamos o livro *Guerra e Paz e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*, de Araujo, Ricardo Benzaquen, Ed. 34 associada à Ed. Nova Fronteira, 1994.

Homens, mulheres e crianças que se no primeiro momento dos escritos de Arthur Ramos são vistos como pelas lentes do conceito de cultura formulado por Levy-Bruhl (1922) sobre a teoria da mentalidade pré-lógica dos sujeitos, das contribuições de Freud e das concepções sobre o “inconsciente coletivo” proveniente da teoria psicanalítica de Jung, concluindo que os sujeitos brasileiros são possuidores de uma espécie de “inconsciente primitivo”; no segundo momento sofre uma forte inflexão e toma a frente de seus escritos às idéias de Franz Boas e a defesa da Antropologia Cultural.

Dessa forma, entendendo a antropologia no sentido largo de ciência do homem e da cultura, Arthur Ramos, como homem de seu tempo e com as condições de sua época, promoveu viagens de exploração às brenhas da cultura material e não-material das populações indígenas e negras do país.

O debate em torno da “questão racial” alimentava a construção de matrizes interpretativas acerca do “nacional”, constituindo um amplo painel de inconformismos de toda ordem. O mais agudo deles, sobre uma identidade nacional considerada “incompleta”, advindos do iberismo e da tradição colonial que teria fertilizado os danos causados pela mestiçagem à formação social brasileira no aguardo de uma nova fundação ainda se apresentava como forte corrente interpretativa. Na distância entre o dito e o feito era possível reconhecer o círculo vicioso de determinismos com os quais eram montadas as dubiedades das tipologias do moderno e do arcaico. Litoral e Sertão. Modernidade e Tradição.

São pares tratados como opostos e que para alcançar o que se considerava o avanço era preciso se não eliminar, pelo menos modificar o atraso.

Uma arqueologia do saber como pressupõe Foucault pode nos ajudar a “escavar” o terreno que envolve além da história da ciência, a das idéias, buscando perceber os tipos de mentalidade que percorrem os intelectuais do pensamento social brasileiro ligados, em grande parte, as áreas de formação da engenharia, da medicina e da antropologia convergidos aos temas da educação, particularmente, a questão do analfabetismo e da invenção da identidade.

“A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar freqüentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa; não busca um “outro discurso” mais oculto. Recusa-se a ser ‘alegórica’¹⁸.” (grifos do autor)

Um homem envolvido nas tramas e nas representações do seu tempo é assim que vejo Arthur Ramos. Um homem que deixa transparecer em seus escritos certa “pressa” de agir e um forte “desejo” de sentir suas contribuições reconhecidas por aqueles que lhe foram contemporâneos.

Porém, era um momento que se encontravam no mesmo espaço social – neste caso a cidade do Rio de Janeiro – um número de intelectuais de diferentes formações, diversas e por vezes opostas posições teóricas e políticas. Era o momento de Leonídio Ribeiro e suas teses sobre a “criminalização”, de Lourenço Filho e suas teses sobre a medição da inteligência das crianças que freqüentavam as escolas, para obter resultados objetivos sobre “normais” ou “anormais”; diante dos quais Arthur Ramos buscou travar embates e diante dos quais não saiu vencedor.

Na sua permanente luta para consolidar a Antropologia como ciência imprescindível para analisar a sociedade em geral e os grupos que a formavam nos minuciosos detalhes de suas vidas e crenças, Arthur Ramos fundou a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, ocupou lugar de professor da cadeira de Psicologia Social na antiga Universidade do Distrito Federal (UDF), de Antropologia Física na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFI), atuou no Museu

¹⁸Foucault, Michel .*A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 31

Nacional, produzindo redes intergeracionais e estabelecendo ligações com intelectuais americanos e europeus.

Sua ampla gama de interesses possibilita estudar e defender a articulação da Antropologia com a Psicologia Social – tese também defendida por Franz Boas – levando-o aos escritos onde defende a Psicanálise naquilo que a mesma oferece para maior compreensão da vida social. A Psicanálise para Ramos tem seu sentido maior no afastamento da ação meramente clínica e se torna uma Psicologia Social. Antropologia e Psicologia Social como discutidas por Ramos aponta para a necessidade de darmos caráter interdisciplinar ao estudo das culturas, dos hábitos de vida, demonstrando a complexidade do pensamento do intelectual.

Abro uma aparente digressão para reafirmar que Arthur buscou construir-se como um “homem de ciências” ligado às instituições universitárias, diferente de outros intelectuais do campo antropológico, como Roquette-Pinto, que podemos chamar “homens de ciências” ligados aos Museus.

Essa aparente diferença “menor” produz lutas vigorosas, particularmente o que dizia respeito ao lugar ocupado pela Antropologia nos espaços acadêmicos. Nessa direção podemos entender a oposição de Ramos à entrada de Heloísa Torres na Universidade de Filosofia da Universidade do Brasil, para ocupar a cadeira de Antropologia. Trata-se mais de uma disputa institucional do que simplesmente pessoal; ainda que nestes combates inevitavelmente as pessoas sejam atingidas. Arthur Ramos era um “homem de ciência” do espaço universitário e nesse espaço buscava exercer sua influência. Mas, seria um caso único? Não encontramos aproximações e semelhanças nos nossos dias e nas instituições das quais fazemos parte?

Sua posição contra o fascismo e a guerra fria do pós-guerra, incomodou os poderes instituídos a partir do Estado Novo, impedindo a circulação de seus livros e de sua produção intelectual, produzindo não só um “solene silêncio” sobre Ramos como, também, a perversa representação de um intelectual racista e que teria servido ao Estado Novo, desconhecendo ou “jogando para baixo do tapete da história” suas duas prisões sob o Estado-Novo de Vargas, e o seu dos-

siê nos Arquivos da Polícia Política – os Arquivos da Polícia Política do Estado Novo encontram-se no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – no qual é chamado de “marginal” e “comunista”, inclusive no apontamento sobre sua morte.

Para além dos estigmas imputados ao antropólogo em questão como de racista e de adesista ao Estado Novo propomos percebê-lo enquanto intelectual engajado ao seu tempo, preocupado com o “fazer antropológico”, com a profissionalização da antropologia educacional enquanto ciência explicativa das mazelas nacionais. Estudou a fio as etnias indígenas e negras do Brasil procurando não somente entender organicamente a “civilização” brasileira, mas também o que caracterizava o problema nacional: a herança das raças humanas e a mestiçagem. Revisitar Arthur Ramos, contribuir para o fim do silenciamento sobre o mesmo, trazer para discussão sua contribuição em vários campos do conhecimento, dando destaque ao que chamamos de Antropologia Educacional, nos parece movimento político e intelectual da maior relevância.

3. PARA ALÉM DOS ESQUECIMENTOS E SILENCIAMENTOS

Aquilo que poderia ter sido e não foi nos remete às palavras, e sobre elas pensarmos, de outro grande intelectual do período ao anunciar uma visão de futuro para Arthur Ramos.

“Um dos maiores livros de educação escrito entre nós. Quando o estudioso de 1980 procurar saber o que se fez na década de 30-40, deter-se-á assombrado diante de sua obra. Você é um dos poucos entre nós que está realmente trabalhando no futuro. O seu livro viverá para demonstrar quanta coisa boa e séria e de alcance se poderia fazer se fosse maior e mais seguro o campo de esclarecimento e de cultura geral”¹⁹ (Anísio Teixeira, homenageando a 1ª edição do livro *A Criança Problema*, de Arthur Ramos).

Consideramos que o estudo do campo da antropologia histórica educacional no Brasil e, em particular, as experiências de geração do médi-

¹⁹Ramos, Arthur. *A Criança Problema. Introdução à Psicologia Social*. RJ: Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 2ª edição, 1951, p.9.

co-antropólogo Arthur Ramos como pontos de chegada para a construção de um projeto nacional que entendia a educação como motora de desenvolvimento cultural e social do país e um preposto para a formação do Estado-Nação brasileiro, ainda é um debate em aberto.

Eram homens e mulheres que pensavam o Brasil, buscavam entendê-lo no que vislumbravam como multiplicidade de culturas, de certa forma buscando o “éden na terra”, “o paraíso terreal”, como nos fala Sergio Buarque de Hollanda em “Visões do Paraíso”.

O estudo da mestiçagem e a constituição de uma visão antropológica “positiva” dos trópicos presentes nas obras do antropólogo e cientista social em questão postula não somente a intenção intelectual de se forjar uma interpretação do povo e da nação, mas também pontificar as noções de moderno e modernidade para a quem das desigualdades das regiões, classes, raças, culturas, enfim, elegendo progresso como mote para edificar as concepções de nação e de cidadãos. Encontramos contradições nesse projeto?

Pensamos que sim, porém ao trazê-las á luz do debate não nos parece que com isso devamos fazer o movimento de escanteá-lo. Eram homens e mulheres que pensavam o Brasil, buscavam entendê-lo no que vislumbravam como multiplicidade de culturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adir L. *Entre Teias e o Fio de Ariadne: considerações sobre os textos da Unidade I*. RJ: Niterói, 2007. (mimeo)

RANGEL, Jorge Antonio. *Edgard Roquette-Pinto e Arthur Ramos entrelace entre Antropologia e Educação*. SP: São Paulo. PUC/SP, 2008. (mimeo)

Notas sobre “A Construção do Estado Moderno e Formas Culturais: Perspectivas e Questões” de Roger Chartier. RJ: Niterói, 2007. (mimeo)

Arthur – O Serviço de Higiene Mental e a Relação escola-Comunidade no Rio de Janeiro de 1930. SP: São Paulo. Relatório de Qualificação de Doutorado. USP. (mimeo)

ARAÚJO, Ricardo B. *Guerra e Paz – Casa-Grande e Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos anos*

30. RJ: Ed. 34 associada à Ed. Nova Fronteira, 1994.

BAËTA, Neves, Felipe Luiz. *O paradoxo do coringa e o jogo do poder e saber*. Ed. Achiamé, 1979.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais do seu tempo*. Alagoas: Maceió. UFA, 2005.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- *Introdução à História*. Portugal: Publicações Europa-América, 6ª edição

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. RJ: Rio de Janeiro, 2008, 4ª edição.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas (sobre a teoria da ação)*. SP, Campinas: Papius, 2005.

- *A Produção da Crença - contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2006.

BRUHL, Lucien Lévy. *La Mentalité Primitive*. <http://biblioteque.uqac.quebec.ca/index.htm>

BURKE, Maria Lucia G. P. *As muitas faces da História*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

BURKE, Peter. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro (capítulo 1)*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história. Novas perspectivas*. SP: ED. UNESP, 1992.

- *A Escola dos Annales*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *A configuração da Historiografia Educacional Brasileira*. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. SP: Contexto, 2005.

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. SP, São Carlos: EDUSC, 2004

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Viseu: Tipografia Guerra, 1990.

- *Historia e prácticas culturales*. Entrevista a Noemi Goldman e Leonor Arfuch. Buenos Aires, 1994, s/n/t.

- *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

- CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1982.
- *Traficantes do Excêntrico – os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60*. www.marizacorrea.unicamp.br
- CUNHA, Marcus Vinicius da. *O Discurso Educacional Renovador no Brasil (1930/1960). Um estudo sobre as relações entre escola-família*. [www.geocities.com/mvcunha/Livre Docência/Índice.html](http://www.geocities.com/mvcunha/Livre_Docencia/Índice.html)
- DE CERTEAU. Michel. *A Escrita da História*. RJ: Forense Universitária: 1982.
- *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- *A Cultura no Plural*. SP, Campinas: Papyrus, 2005.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. RJ: Jorge Zahar Editores, 1990.
- FALCON, Francisco. *História Cultural. Uma visão sobre a sociedade e a cultura*. RJ: Campus, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. RJ: Ed. Graal, 1990.
- *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- *O que é o autor?* Portugal: Ed. Vega Passagens, 1992.
- *As Palavras e as Coisas*. SP: Martins Fontes por acordo com Portugália Editora Ltda, 1967.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais (Morfologia e História)*. SP: Companhia das Letras, 1990.
- *A Micro-História e outros ensaios*. Portugal: Ed. Difel, com direitos reservados RJ: Ed. Bertrand Brasil S.A, 1991.
- GONDRA, José Gonçalves (org). *Pesquisa em história da Educação no Brasil*. RJ: DP&A/CNPQ/FAPERJ, 2005.
- HOLANDA, Sergio Buarque. *Visões do Paraíso*. São Paulo, Brasiliense: 1994.
- LE GOFF, Jacques. *A História Nova* (org). SP. Martins Fontes: 2006.
- *Uma Vida Para a História*. São Paulo. Ed. UNESP: 1997
- LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana (escalas, indícios e singularidades)*. RJ: Civilização Brasileira, 2006.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. *A Psicanálise aplicada às crianças do Brasil: Arthur Ramos e a “criança problema”*. In: FREITAS, Marcos e KUHLMANN, Moisés (orgs). *Os Intelectuais na História da Infância*. SP: Cortez Editora, 2002.
- MENDONÇA, Ligia Bahia. *Entre Leões e Caçadores: a micro-história como aporte teórico-metodológico*. RJ: UERJ, 2007. (mimeo)
- NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira. A Poesia em Ação*. SP: EDUSF, 2000.
- PÉCAUL, Daniel. *Os Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. RJ: Rocco, 1994.
- PEREIRA, Cláudio & SANSONE, Lívio (orgs). *Projeto UNESCO no Brasil*. Bahia: UDFBA, 2007
- RAMOS, Arthur. *A Criança Problema. A Higiene Mental na Escola Primária*. RJ: Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1939.
- *A Criança Problema. Introdução à Psicologia Social*. RJ: Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 2ª/3ª edição, 1951
- *A Criança Problema. A Higiene Mental na Escola Primária*. RJ: Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 4ª edição, 1955.
- *Introdução à Antropologia Brasileira*. RJ: Editora Casa do Estudante do Brasil, 2ª edição, 1951
- *Culturas européias As. Introdução à Antropologia Brasileira*. RJ. Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1973.
- RIZZINI, Irma (org). *Crianças Desvalidas, indígenas e negros no Brasil. Cenas da Colônia, do Império e da República*. RJ: Ed. Universidade Santa Úrsula, 2000.
- ROLNIK, Sueli. *Micropolíticas: Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- SANTOS, Carlos Nelson F. *A Cidade como um Jogo de Cartas*. RJ: EDUFF, 1992.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Da escravidão à Liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. IN *História da Vida Privada no Brasil*. VOL. 3. SP: Companhia das Letras, 1998.